

Segurança de Cardoso mostra suas falhas

Brasília — Jamil Bittar

■ Manifestações de sexta e sábado no Nordeste confirmaram que troca de policiais federais por PMs e bombeiros não deu certo

FRANCISCO GONÇALVES

BRASÍLIA — Ônibus da comitiva apedrejado em Campina Grande (PB); uma pedra que passou raspando por Fernando Henrique em Xingó (AL); seguranças da presidência da República só de cuecas no meio da rua em Manaus; o *deck* que desabou durante viagem presidencial a Carajás (PA). A série de episódios ocorridos nos últimos dois meses levou o governo a discutir internamente os problemas na segurança do presidente e as avaliações feitas, depois dos incidentes deste fim de semana, demonstram a precariedade da segurança do presidente da República.

Amadores — Subordinado ao Gabinete Militar do Palácio do Planalto, o serviço de segurança do presidente mistura para a mesma tarefa oficiais do Exército, servidores cedidos pela Polícia Militar e pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. “São amadores de primeira linha”, ironiza um integrante da cúpula da Polícia Federal, órgão excluído desde o governo Collor de participar do esquema de segurança da presidência.

A melhor prova do despreparo da turma eclética que atua como guarda-costas do presidente ocor-

reu no fim de março, durante uma visita de Fernando Henrique a Manaus para uma reunião com governadores da Região Amazônica. A história, que vinha sendo mantida em sigilo pelo Gabinete Militar, começou quando dois agentes de segurança e outros dois servidores do setor de transportes do presidente saíram do Hotel Tropical, onde ele ficou hospedado, para uma noitada em uma boate.

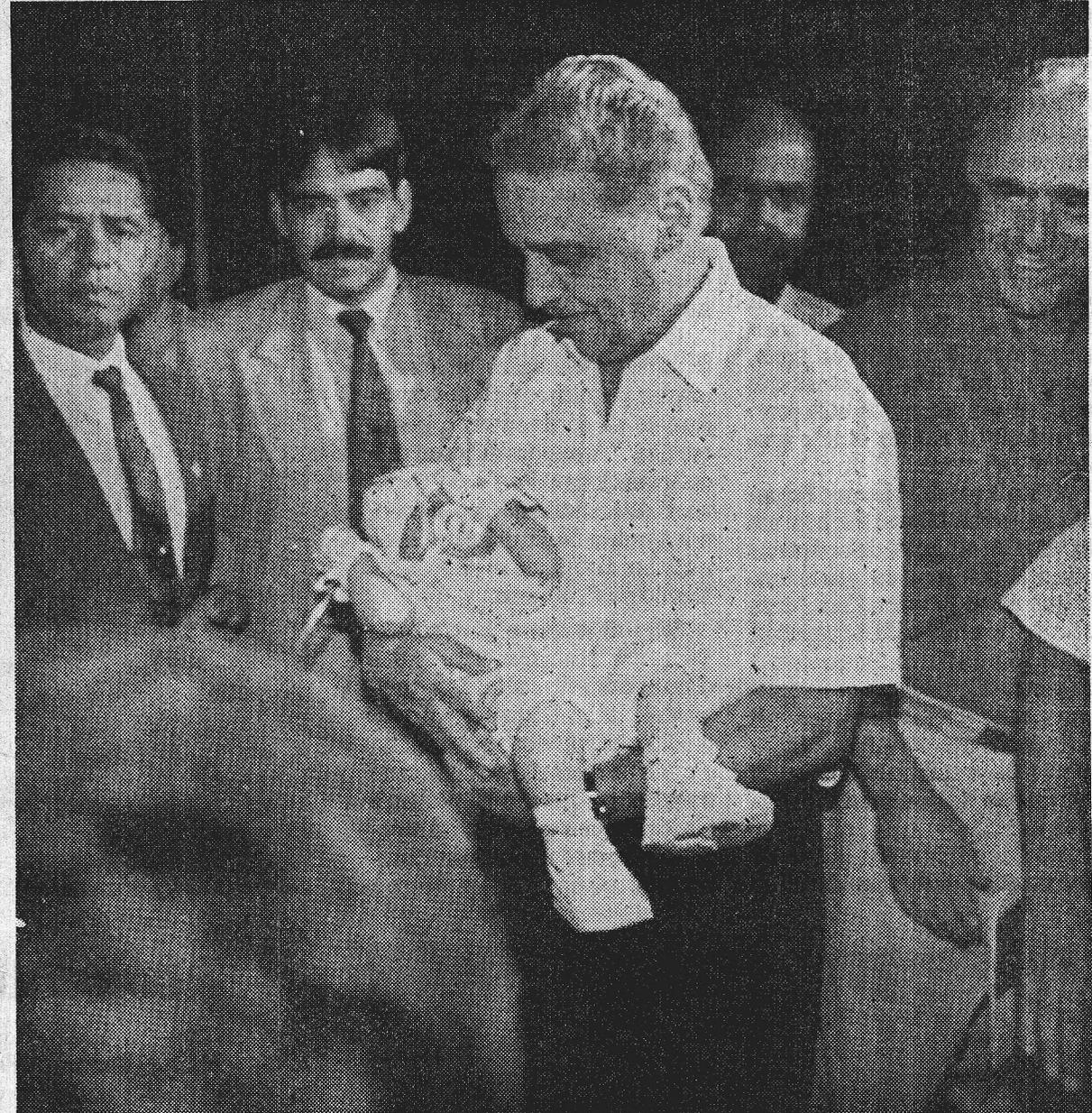
Os quatro homens beberam, comeram e se divertiram com algumas moças que estavam no local. Depois da farra, os seguranças não quiseram pagar a conta. Levaram uma surra dos *leões de chácara* da boate, que esvaziaram suas carteiras e os deixaram só de cuecas no meio da rua. Após o incidente, dois desses agentes de segurança teriam sido afastados da Presidência da República.

O aproveitamento de PMs e bombeiros como seguranças improvisados é uma herança do ex-presidente Fernando Collor. Antes, a segurança da presidência era responsabilidade de oficiais das Forças Armadas, que contavam com o apoio de agentes da Polícia Federal. Organizado nos governos militares e desmontado por Collor, o serviço de segurança chegou a ofe-

recer no início da década de 80 até cursos de inglês e de boas maneiras para os guarda-costas presidenciais.

“Hoje, o pessoal não tem entrosamento e muita gente gosta do serviço por causa das gratificações salariais e das viagens”, comenta um dirigente da PF. Além dos problemas com pessoal, o serviço de proteção de Fernando Henrique também vem pecando por ignorar o que os especialistas em segurança chamam de *serviço preventivo*.

‘Deck’ — Antes dos deslocamentos do presidente para alguma região do país, é preciso identificar as situações de risco a que ele pode ficar exposto. Outro cuidado também é descobrir os *focos de hostilidade* das manifestações, acompanhando assembleias de sindicatos. “Se esse tipo de trabalho fosse levado em conta, no mínimo se saberia que o *deck* que caiu em Carajás, em março deste ano, não suportaria tantas pessoas”, afirma um policial que trabalha na escolta de chefes de Estado. Fernando Henrique viu desabar parte do *deck* quando estava posando para fotografias. No incidente, fotógrafos e cinegrafistas, que estavam a menos de cinco metros do presidente, por pouco não caíram num precipício.



Fernando Henrique descansou no Alvorada e só saiu para cumprimentar turistas entre eles o bebê Larissa.